



## **POLÍTICA INDIGENISTA DE CONTENÇÃO PARA CATEQUIZAÇÃO: FORMAS DE RETERRITORIZAÇÃO DOS GAVIÃO**

### ***INDIGENIST CONTENTION POLITICS FOR CATECHIZATION: FORMS OF RETERRITORIZATION OF GAVIÃO***

Ribamar Ribeiro Junior<sup>1</sup>

Rayane Gomes da Silva<sup>2</sup>

**RESUMO:** O presente trabalho busca desvelar as estratégias da catequese e da evangelização dos missionários, entre o início dos anos sessenta e meados dos anos setenta do século XX, junto aos “Gavião”. Estas reflexões são parte de duas pesquisas etnográficas produzidas a partir da inserção dos pesquisadores na Terra Indígena Mãe Maria. Argumentamos que o contato sistemático foi seguido por um projeto de catequização/evangelização, ainda, investigamos essa relação com o território e a interpretação de diversos processos dessa trajetória com a forte violência Estatal/colonial. Neste artigo são feitas reflexões a partir dessa análise etnohistórica, com base nos dados de nossas pesquisas, apresentando, assim, uma leitura mais contemporânea da realidade dos “Gavião” vivenciada pela leitura etnográfica da documentação e do recente movimento em torno do nealdeamento.

**Palavras-chave:** violência simbólica; território; missões.

**ABSTRACT:** The present work aims to reveal the catechesis and evangelization strategies of missionaries between the early sixties and mid-seventies of the twentieth century with the "Gavião". These reflections are part of two ethnographic studies produced from the insertion of researchers in the Mãe Maria Indigenous Land. We argue that the systematic contact was followed by a catechization/evangelization project, we investigated this relationship with the territory and the interpretation of several processes of this trajectory with the strong State violence. In this article, we present reflections from this ethnohistorical analysis, based on data from our research and with a more contemporary reading from the reality of the “Gavião” experienced by the ethnographic reading of the documentation and the recent movement around neo-aldeamento.

---

<sup>1</sup>Professor/Pesquisador e Extensionista, Doutor em Antropologia pelo Programa de Pós Graduação em Antropologia da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG); Mestre em Dinâmicas Territoriais e Sociedade na Amazônia pelo PDTSA da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA); Especialista em História Social da Amazônia (UFPA); Especialista em Educação do Campo, Agroecologia e Questões Pedagógicas pelo IFPA; Licenciado e Bacharel em Ciências Sociais, com ênfase em Sociologia - pela Universidade Federal do Pará (2005). Atualmente é professor do quadro efetivo do Campus Rural de Marabá (CRMb) do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará (IFPA). Coordena o Grupo de Pesquisa Territórios Indígenas e Etnoenvolvimento (GPTIE); Tem experiência na área de Sociologia, com ênfase em Sociologia Rural, da Amazônia, Educação do Campo, Agroecologia e do (Des)envolvimento Regional. E-mail: [ribamar.sociologo@ifpa.edu.br](mailto:ribamar.sociologo@ifpa.edu.br)

<sup>2</sup> Mestra do Programa de Pós-Graduação em Antropologia, da UFPA. Professora da Rede Estadual de Educação do Pará e Membro do grupo de Pesquisa Territórios Indígenas e Etnoenvolvimento GPTIE. E-mail: [nannygsilva@hotmail.com](mailto:nannygsilva@hotmail.com)



**KEYWORDS:** symbolic violence; territory; missions.

## INTRODUÇÃO

As transformações ocorridas no modo de vida dos “Gavião<sup>3</sup>”, tendo como elemento de análise fragmentos da etnohistória que apresentam uma versão da visão colonial dos povos indígenas, têm sido objeto de estudo para ampliar os horizontes sobre os processos de ocupação e territorialização. Assim como os relatos, fontes documentais também podem ser analisadas, como documentos produzidos por viajantes e por cronistas em expedições oficiais, além dos textos de jornais da época, onde podemos perceber - através da referência aos índios “selvagens” da região do Médio Tocantins<sup>4</sup> estampada, por exemplo, na segunda página do jornal Treze de Maio, edição 489 do ano de 1855, com veiculação em Belém - o caráter da catequese e da evangelização desempenhadas por missionários católicos nessas “tribos”, ou seja, com os “Gavião”. Essas fontes correspondem às primeiras veiculações das histórias do contato, ainda não sistemático, que mais tarde vai ser visto através da Coleção: MEMÓRIA DOMINICANA (Vários Autores, 1959), onde padres descreviam os relatos de suas missões, marcadas por intenções religiosas de catequização e direcionadas a uma constante movimentação sobre o controle e a invasão do território indígena. Nelas, observa-se que os “Gavião” eram mencionados pela fama de índios arredios<sup>5</sup>, a começar pelo nome atribuído a eles, conforme aponta a carta de Frei Anselmo Vilar de Carvalho, da Coleção MEMÓRIA DOMINICANA:

Os índios “Gaviões”, da velha linhagem Timbira, sempre foram conhecidos, pelos habitantes da região, pela alcunha de “os terríveis”. E essa fama vem de muito longe. Já em 1901, uma incursão desses índios a uma povoação brasileira, resultou num morticínio absurdo, em que pereceram nada menos de quatro padres, seis freiras e umas duzentas alunas de um colégio local. Daí em diante, os ataques guerreiros continuaram, quase ininterruptamente, da parte dos cristãos que queriam se vingar, e da parte dos índios que se defendiam como podiam. Pouco a pouco foram sendo esquecidos os fatos de 1901, mas os ataques continuaram, motivados por outras causas. Entre elas, a invasão das terras dos índios, feita pelos cristãos em busca das árvores da Castanha do Pará. Quem andar pelas redondezas da cidade de Itupiranga, no Estado do Pará, ouvirá, dezenas de vezes por dia, intermináveis histórias de

<sup>3</sup> Os “Gavião” hoje são os povos Parkatêjê, Kyikatêjê e Akrãtikatêjê que habitam a Terra Indígena Mãe Maria no município de Bom Jesus do Tocantins (PA).

<sup>4</sup> Categoria amplamente utilizada na época para caracterizar o território, sobretudo o percurso entre Carolina, MA e Tucuruí (Alcobaça) PA.

<sup>5</sup> Mesma alcunha dada a outros povos indígenas ao longo da história, como os “botocudos”, “gamelas”, “tapuias”, etc.



matança dos castanheiros, de susto e de correrias, naquelas margens direitas do rio Tocantins. A acreditar no que se conta, rara é a semana em que um ou dois castanheiros ou caçadores não deixam a pele no meio da mata, vitimados pelos “terríveis” Gaviões (MEMÓRIA DOMINICANA, 1959, p. 31).

Sendo assim, a concepção da questão civilizatória com os “Gavião” teve seu crescimento com base nas relações de contato, sobretudo no período marcado pelas missões dominicanas<sup>6</sup>, como demonstra a carta, já mencionada, de Frei Anselmo de Carvalho, onde podemos encontrar diversos relatos sobre a missão da catequese no interior das aldeias, entre os índios *Apinayé*, *Xerente*, *Tapirapé*, *Karajá*, *Gorotire*, “Gavião” e muitos outros, conforme vamos descrever mais a frente. Sobre os “Gavião”, especificamente, encontramos o seguinte:

A 22 de julho, numa praia de Mãe Maria, a 35 quilômetros de Marabá, na margem direita de Tocantins-Araguaia, o prelado de Conceição, de regresso de Belém, esteve durante hora e meia em contato com um pequeno grupo de índios Gaviões. Eram chefiados momentaneamente pela própria mulher do Capitão ausente. Pessoa de seus 35 anos mais ou menos, demonstrava critério e ponderação bastante. Eram presentes 35 cinco homens moços, duas cunhãs e três rapazinhos de 11 a 13 anos. Obsequiamos esses bons filhos das selvas paraenses com painéis de farinha de mandioca e diversos pequenos objetos. Facões e machados para as suas roças lhes serão dados em outra ocasião propícia. Quiseram trocar por um menino cristão de oito anos um dos rapazinhos seus, como amigal experiência de pouco dias, asseverando que seria a criança bem tratada e alimentada. Ficou porém adiada essa experiência, um pouco arriscada, até o dia em que acompanhado de um intérprete certo e dedicado, o prelado, ou algum dos seus missionários, tiver um encontro mais generalizado com esses indígenas. O Gavião é um índio forte e adestrado no manejo do arco e da flexa. Seus modos são mesmo um tanto ríspidos e violentos, quais os Gorotires e os Chavantes das bacias do Xingú e do Rio das Mortes. Sua amizade só poderá ser conquistada a custo de bons tratos e presentes. Assim usava para essa tribo o saudoso finado Cel. Messias José de Souza, cuja morte inesperada foi muito sentida pela Missão Dominicana, pelos seus numerosos amigos Tocantins e Araguaia e pelos mesmos Gaviões. Roguemos a Deus, por intercessão de S. Terezinha, pela pacificação e civilização cristã dos Gaviões (MEMÓRIA DOMINICANA, 1959, p. 30-31).

Portanto, essas missões dominicanas correspondem a um ideal evangelizador e catequista de frades e freiras atuantes na América Latina, com o objetivo de converter índios “selvagens” à “Santa Fé” e condicioná-los à religião católica. Essa característica civilizatória ou evangelizadora surgiu através de séculos de proselitismo religioso com os indígenas, e o desejo de transformá-los em cristãos ou indivíduos “civilizados” é marcado,

---

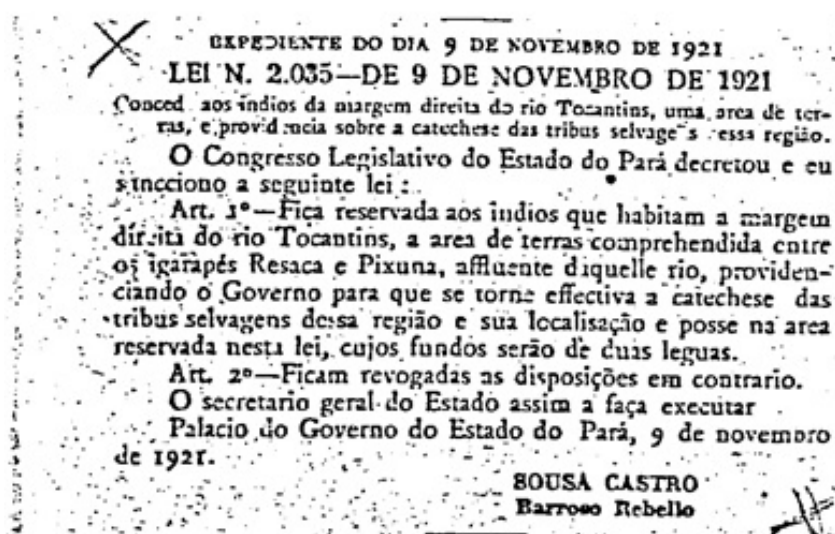
<sup>6</sup> Vale ressaltar que só a partir dos anos vinte, do Século XX, é que os frades iniciam de várias formas e tentativas esses contatos, consolidando-os apenas no final dos anos cinquenta. No entanto, desde 1892 já atuavam na região, sobretudo a partir de Conceição do Araguaia (PA).



posteriormente, por consequências que se estendem para além dos direitos indígenas, bem como por um projeto de dominação de seu território.

Ainda com relação ao etnoterritório “Gavião”, o mais marcante nesse processo, além do estabelecimento do uso de suas terras para fins de exploração da castanha, foi a política de catequização desses indígenas. O que nos chama atenção para o modo como a participação do Estado efetivou não somente uma corrida econômica nessa região, mas também um assédio a essas populações a partir da entrada efetiva de missões religiosas dentro das aldeias. O decreto de Lei nº 2.035, de 09 de Novembro de 1921, marca a concessão de habitação e posse das terras “Gavião” e, conseqüentemente, a efetivação da catequese dos índios “selvagens” por frades e freiras em missão da igreja Católica. O que ocorreu, posteriormente, por missionários da Missão Novas Tribos do Brasil, conforme documento abaixo:

**Figura 1: Decreto de concessão de terras para catequese dos índios Gavião**



Fonte: Fac-símile Povos Indígenas no Brasil (1985)

O ideário da catequização dos “Gavião”, pensado através do decreto de 1921, se consolidou mediante o contato sistemático nas aldeias, aprovado pelo Estado e colocado em prática até os dias atuais na Terra Indígena Mãe Maria. Isso se iniciou a partir dos deslocamentos compulsórios do povo “Gavião” e das restrições de uso do seu território. Com esse mesmo objetivo, foi permitida a estadia de missionários protestantes da Missão Novas Tribos do Brasil junto às instalações dos Postos Indígenas de atração dos “Gavião”, em dois momentos, um ainda em seu território tradicional com os *Akrātikatêjê* (na época denominados de “Gavião da Montanha”, no início dos anos 60) e outro na Terra Indígena Mãe Maria,



sobretudo na aldeia ladeira vermelha, com os *Kyikatêjê* nos anos 70, para o exercício de práticas de alfabetização e evangelização (FERRAZ, 1998, p. 122, MIRANDA, 2015, p. 99).

### Os Gavião no contexto da Missão de Santa Tereza

A Colônia Militar de Santa Tereza - fundada pelo Frei Manoel Procópio sob ordem do governo da Província do Pará em 1849, que teve sua primeira instalação anteriormente na região de Itaboca - foi um fracasso, pois grande parte dos colonos trazidos na expedição foram acometidos por febres e outras doenças, e não resistiram, além do pouco “contato” que tiveram com os indígenas para fins de aldeamento, não atingindo o seu objetivo. Posteriormente, continuando pelo rio Tocantins, os integrantes sobreviventes da expedição se estabeleceram em 1797 um posto militar denominado São João das Duas Barras, local que confluía com os rios Araguaia e Tocantins, hoje, São João do Araguaia, PA. O projeto de Colônia foi transformado em pouco tempo no presídio, como forma de conter o fluxo de deslocamento dos indígenas. Na tentativa de serem aldeados, os *Apinayé* foram os mais atingidos pela busca catequética do frei Manoel Procópio, o que se deu pelo acesso, tendo em vista que os *Apinayé*, também como um grupo Timbira, já haviam se deslocado para o lado esquerdo do rio Tocantins. deixando os demais na parte do território maranhense.

Ainda como parte dessa estratégia de aldeamento e apoio aos que navegavam pelo rio Tocantins, como forma de conter o avanço dos povos indígenas que já dominavam a margem direita do rio Tocantins, foi fundada, em 1852, a Missão de Santa Tereza: em forma de povoamento, onde hoje é a cidade de Imperatriz, no Sul do Maranhão. Naquelas redondezas habitavam os *Krikati* e *Pukobiyê*, cujo os trabalhos da colônia tinham como objetivo a aproximação para esse contato.

É importante trazer para reflexão o elemento do fluxo de contenção estabelecido a partir da política indigenista colonial, em aliança com a Igreja, fato que se caracteriza também como uma frente de catequização em sua abrangência. É bom lembrar, ainda, que os vários grupos indígenas que estavam nessa região, sobretudo de Carolina (Sul do Maranhão) a Alcobaça (Pará – hoje Tucuruí), podem ser classificados, a partir da literatura etnológica, como parte dos vários grupos Timbiras, sobretudo no Pará. Os “Gavião”, por exemplo, através de um movimento de cisão com os *Pukobyê* (hoje também chamados de Gavião do Maranhão) se deslocaram para a parte da Amazônia paraense, enquanto, hoje, os *Pukobyê* permanecem aldeados na Terra



Indígena Governador próximo a Imperatriz. Portanto, os “Gavião” que por aqui passaram a se deslocar e se organizar num amplo território, hoje estão aldeados na Terra Indígena Mãe Maria, organizada em três povos: *Parkatêjê*, *Akrãtikatêjê* e *Kyikatêjê*.

### As expedições descritas nas fontes dominicanas

As informações contidas nos documentos dos dominicanos - uma importante fonte sobre o “contato” que foi consultada em seu arquivo de Belo Horizonte<sup>7</sup> - demonstram que vários missionários realizaram a catequização de indígenas no Vale do Araguaia e do Tocantins<sup>8</sup> (mapa abaixo) - fato que demonstra ser bem antiga a relação (ora contenciosa, ora pacífica) dos “Gavião” com o mundo dos brancos. Vejamos, abaixo, o relato de um documento<sup>9</sup> escrito em 1926:

Os Gaviões estão em contato com o Mons. Messias que (tem) uma propriedade a margem direita do Tocantins entre S. João e Marabá. Ele trata bem deles, e as próprias mulheres se aproximam e se mostram confiantes. Vivem completamente nus, homens e mulheres, os homens não têm nem o cordão dos Carajás ou Mudjé dos Cayapós. O empregado de Messias, na ausência do seu senhor, ficou com medo e deu alguns tiros de fuzil para o ar. (p. 6)

<sup>7</sup> Arquivo da Província Dominicana, onde consta toda documentação da trajetória dos frades dominicanos no Brasil, desde a sua chegada em 1881. Trata-se de um acervo com milhares de documentos, compostos de livros, jornais, revistas, fotos, objetos religiosos, cartas e outros objetos.

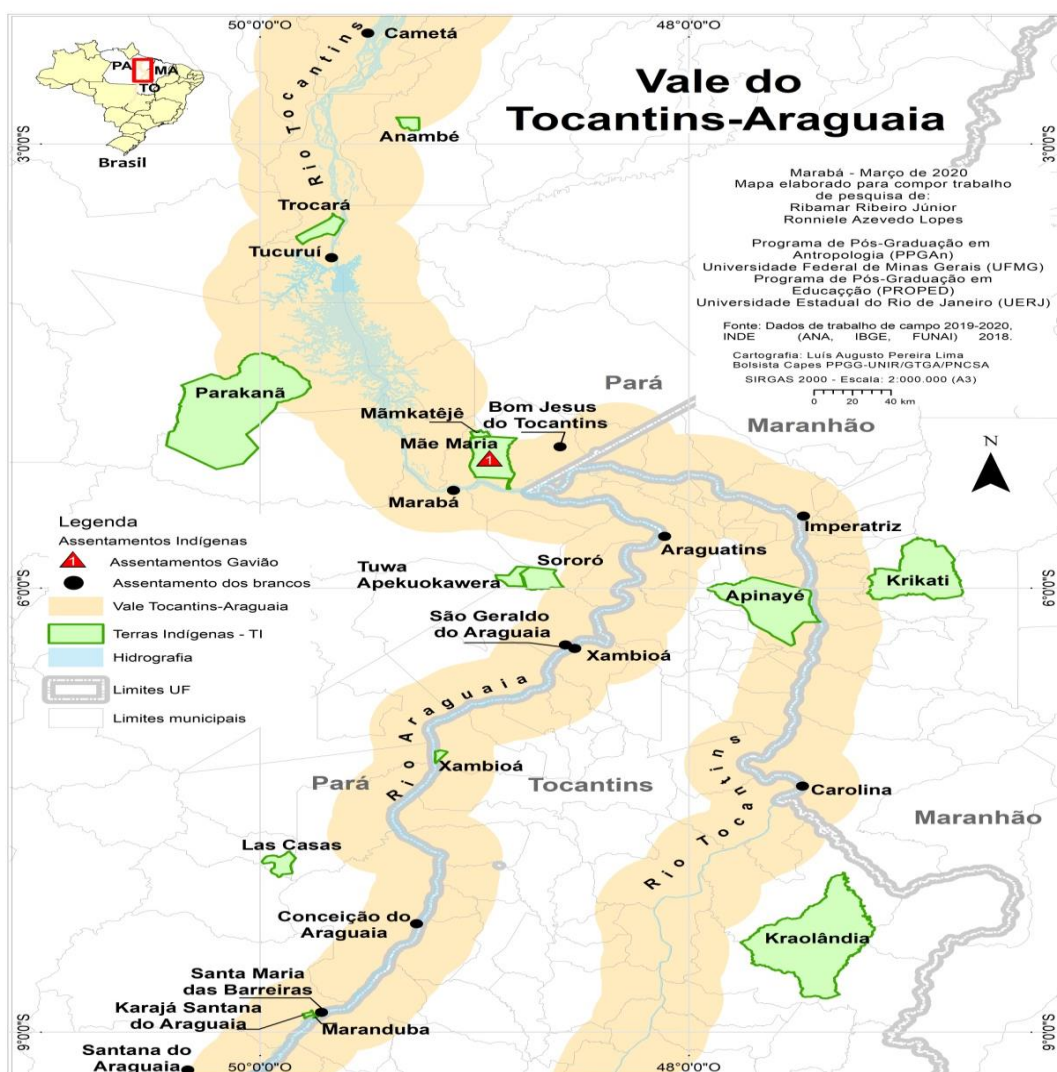
<sup>8</sup> O Vale do Tocantins – Araguaia, diz respeito ao que a cartografia oficial aponta como sudeste paraense, assim como também o Bico do Papagaio, o termo Vale do Araguaia-Tocantins tenta fugir do ordenamento geoestatal convencional, escapando da territorialização compulsória composta pelo Estado. Muitas vezes, pela academia, essa territorialização Vale do Araguaia-Tocantins é um chamado dos povos a partir das memórias narrativas e vivências. Chamam de Tocantins, de região do Araguaia, aquilo que vai confluindo para um grande vale a partir dos rios Tocantins, Araguaia e Itacaiúnas. A imagem dessas comunidades (ribeirinhos, indígenas) na região é uma paisagem, mais do que uma espacialização compulsória, é uma paisagem localizada, é uma paisagem situacional que antecede e perpassa, portanto, a setorização da paisagem de Estado. A paisagem de Estado é justamente o Sudeste Paraense, o Sul e o Sudeste do Pará. A paisagem ou etnopaisagem, provoca um contrafluxo naquilo que o Estado impõe como imagem cartográfica estática. É um território étnico de muitos povos. Para melhor compreensão, Azevedo-Lopes (2021) destaca: “O termo Vale do Tocantins-Araguaia é mais uma ficção, entretanto, também, uma heterotopia que intenta fugir ao nivelamento estatal, a setorização geopolítica convencionalizada como Sul e Sudeste do Pará, a Mesorregião do Sudeste Paraense. Tentando escapar à espacialização compulsória imposta pelo Estado, Sudeste Paraense, bem como, às territorializações tanto dos chamados grandes projetos, Região de Carajás, como da Academia, Amazônia Oriental, a territorialização heterotópica que evoco como Vale do Tocantins-Araguaia enseja partir das narrativas, das memórias e vivências das comunidades locais vinculadas ao meio ambiente amazônico regional. Enquanto mundo imaginado-vivido, o Vale do Tocantins-Araguaia é uma paisagem que contesta a paisagem oficial imputada a região” (p.20).

<sup>9</sup> Este texto encontra-se no documento cujo título é “Viagem: Conceição a Belém e ao Rio – Partida 20 de agosto de 1926”, narrado pelo Bispo D. Sebastião Tomaz. ( Fonte de pesquisa: Arquivo Dominicano)



O dominicano D. Sebastião Tomaz (Bispo de Conceição do Araguaia) registra na Revista mensageiro Santo Rosário<sup>10</sup>, em uma de suas excursões pelo Araguaia e Tocantins, seu contato pela primeira vez com os “Gavião”.

Partindo de Conceição em outubro de 1927 [...] para minha visita habitual ao lago Vermelho (400 a 500 almas) e Itauhiry (08 a 10 casas), pode-se ver, nesse lugar pela primeira vez os índios Gaviões, um pouco receosos e violentos de maneiras, os quais porém mal nenhum me fizeram. Ofereci-lhes alguns alqueires de farinha e outros objetos que consegui adquirir. Marcamos novo encontro na Mãe Maria, para os dias 16, 17 ou 18 do corrente – janeiro -. (p. 47).



Fonte: RIBEIRO JUNIOR, 2020

<sup>10</sup> Mensageiro do Santo Rosário, ano XXI, nº 03, jul/1928.



Outro relato, publicado na “Revista Cayapós e Carajás”<sup>11</sup>, cita a tentativa de um padre de entrar em contato com os “Gavião”:

Regressou de Marabá, em março, o Ver. Padre Frei Luiz, trazendo notícias esperançosas acerca dos Índios Gaviões. Com eles não pode se avistar nem em Mãe Maria, nem no Itauhiry, mas soube por um castanheiro amigo desses caboclos que estes desejam tornar a ver o “homem de vestido comprido”, como, por ora, designa o Padre. Em junho, um dos missionários tencionava descer até a cachoeira do Itauhiry para, com três companheiros, do ponto chamado Pichuna [Ipixuna], fazer uma entrada na mata e chegar, se possível, até as aldeias desses aborígenes. Um grupo deles prometera vir ao encontro dos expedicionários amigos para servi-lhes de guia. Consta das indicações dos próprios silvícolas que a aldeia mais próxima está a oito dias de marcha do rio Tocantins. Se assim é, torna-se duvidoso que os excursionistas, batedores da mata possam alcançar a meta principal da viagem (CAYAPÓS E CARAJÁS, 1929, p. 14/15).

De acordo com o texto<sup>12</sup> abaixo, publicado também pelo periódico dos dominicanos, as expedições em busca dos “Gavião” foram intensas e contavam até mesmo com a participação ativa de alguns indígenas. Nesse sentido, a ideia de “contato/aproximação” parece ser anterior ao que de fato se expressa pelos próprios textos dominicanos.

“Projetada viagem até às aldeias dos índios comumente chamados de Gaviões não pode se efetuar no tempo aprazado, em junho e junho devido a estar o chefe da expedição Sr. Joaquim Carneiro atacado de gripe e á falta de vinda de um grupo de selvícolas para servirem de guias e interlocutores. Chegamos no entanto até ao Pichuna, na cachoeira de Itahiry, e fizemos com três homens castanheiros do senhor Carneiro, um reconhecimento pelo interior da mata virgem, alcançando três horas de marcha uma sepultura aberta, fazia entre três ou quatro meses, pelos selvagens. Tem a cova a forma redonda como a dos Cayapós, devendo, pois o morto ser enterrado assentado ou acororado. Contaram-nos os companheiros que durante a estação chuvosa os Índios visitavam de vez em quando a cova e a mantinham limpa. Em roda, na mata, notam-se ainda vestígios de acampamentos indígenas. Junto da sepultura, bem do lado do chão, deixamos pequenos presentes, como facas, linha etc. e o rastro impresso na terra dos nossos calçados. Mais não precisava para que logo ao chegarem os caboclos dessem fê da visita amiga (...) N’uma picada de castanheiros, chamou nossa atenção uma vara fincada no chão com outra varinha amarrada em cima transversalmente. Era sinal deixado pelos ‘donos’ da mata aos cristãos invasores dos seus domínios” (CAYAPÓS E CARAJÁS, 1930, p. 11/12).

Não apenas os dominicanos fizeram essas incursões de contato junto aos “Gavião”. Há

<sup>11</sup> A “Revista Caiapós-Carajás” é um órgão da Catequese da Prelazia de Conceição do Araguaia. Vol. 08, nº 30. Out/ Ano 1929.

<sup>12</sup> Revista Caiapós-Carajás. Órgão da Catequese da Prelazia de Conceição do Araguaia. Vol. 08, nº 31. jan/ Ano 1930.





o registro<sup>13</sup> de um frei da ordem dos capuchinhos que, em 1933, esteve junto a esse povo. Tal registro nos confirma que a localidade de Mãe Maria, na época sob controle do tal “coronel” Messias, é, em tese, parte do argumento usado mais tarde para o confinamento dos índios numa só fração do seu território<sup>14</sup>, isto é, seu isolamento em uma reserva, para que o Estado pudesse exercer sobre eles o controle, mas também para que a expansão econômica, sobretudo sob seu território, alcançasse de fato uma nova espacialização.

O Reverendo Sr. Padre Frei Lourenço da Missão Capuchinha do Maranhão, se empenha muito por penetrar nas matas dos Índios Gaviões que parecem estar localizados nos Estados do Pará e Maranhão [...]. Esteve o Frei Lourenço há pouco em Belém e adquiriu embora com dificuldades, alguns objetos de grande utilidade como ferramentas e roupas, para obsequiar esses Selvagens quando encontrar-os. O Frei Lourenço já esteve com um grupo deles no Pichuna [Ipixuna], baixo Tocantins, e, portanto, esse primeiro e pacífico contato lhe serve de animo para uma entrevista mais geral. São esses silvícolas que se mostram em Mãe Maria, acima de Marabá, e que atacam as vezes os castanheiros e os matam. Permita Deus que os bons padres capuchinhos de Imperatriz possam pacificar e cristianizar esses Filhos das matas que há longo anos tem algum contato com os cristãos, seja na boca do Itahiry, seja no Pichuna, seja em Mãe Maria, sem, contudo abrandar a sua natureza tamanha brutaria, falta-lhes o verdadeiro amigo, o Catequista (p. 15).

Anos depois, os “verdadeiros amigos”, através dos freis Gil Gomes e Ancelmo Vilar, conseguem realizar o intento da “pacificação”, no momento do acirramento de conflitos em função da exploração da castanha no Pará. O noticiário<sup>15</sup> dominicano divulga a tal “pacificação” como algo não tão relativamente fácil, tanto diante do enfrentamento com os não indígenas, quanto da “captura” dos “Gavião”.

A última novidade da Missão foi à pacificação dos Gaviões, odiados, e com razão, por todos os habitantes da região, os “terríveis” gaviões. O frei Gil enfrentou e pacificou uma de suas aldeias, restando ainda outras, como isso para o espírito aventureiro dos futuros.... Vale a pena contar como isso se deu. Há muitos anos os Gaviões são o terror da região. Seus ataques às povoações e fazendas eram frequentes. E um ataque do Gavião, significa sempre algumas mortes, vários feridos. O povo foi se ‘enchendo’, e um novo ataque. Então vinte homens decididos, se armaram até os dentes, e se prepararam para ir destruir a aldeia. O frei Gil sabendo disso, correu lá, e conseguiu com certa dificuldade demovê-los daquele intento. Mas teve que prometer que se encarregaria de pacificar aqueles índios (p. 07)

<sup>13</sup> Revista Caiapós-Carajás. Órgão da Catequese da Prelazia de Conceição do Araguaia. Vol. 11, nº 42. jan/ Ano 1933

<sup>14</sup> O decreto de 1943, que cria a reserva para os “Gavião”, mais tarde, vai consolidar juridicamente o processo de criação da TIMM.

<sup>15</sup> “Jornal Entre Nós”, Ano II, nº 05, dez/1958.



Nessa direção se evidencia uma expedição punitiva planejada pelos castanheiros do município de Itupiranga (PA), onde se encontrava o entreposto comercial mais próximo das aldeias indígenas, que tinha como objetivo exterminar os “Gavião” e, assim, ter controle total das extensas áreas de castanhais (CARVALHO, p. 32). Aos poucos, na medida em que o contato avançava, os dominicanos perceberam que havia outros grupos dispersos em outras aldeias.

Foi justamente no fim de 1957 que, em Itupiranga, preparava-se uma grande expedição armada para de uma só vez por todas tentar-se a extermínio completa desses perigosos índios. [...] O frei Gil ofereceu-se como intermediário entre as duas “trincheiras” e prometeu ao pequeno exército de castanheiros que dentro de um mês os Gaviões não mais continuariam a atacar os “cristãos” (MEMÓRIA DOMINICANA, Vol 36, p. 32, 1959).

[...] Logo após os primeiros contatos e atendimentos, soube-se que realmente era verdade o que diziam: mais de uma aldeia Gavião existia espalhada por aquela mata. Depois dos acontecimentos narrados [...] frei Gil começou a sonhar com a pacificação dessas aldeias restantes [...] (MEMÓRIA DOMINICANA, Vol 36, 1959, p. 37).

Está implícito nos textos dominicanos, mais especificamente nos relatos sobre o “encontro” com os “Gavião” (no caso o grupo que se localizava no Praia Alta, os *Rôhôtêjê*), um tipo de encontro “amistoso”. Uma situação que não cabe definir como amistosa, pois segundo o relato de Carvalho (1959) houveram mortes e alguns indígenas flechados, desconstruindo a ideia de pacificação harmônica e romantizada feita pelos religiosos. No entanto, esse fato não é evidenciado no relato de Kluck, um dos acompanhantes da missão que mais tarde descreve:

Nossos bons Gaviões chegaram até a famosa aldeia do Paktioré. Mas, não foram felizes. O chefe Djonpití os acolheu bem, mas no momento em que negociavam uma possível aliança foram atacados pelas costas por alguns exaltados do grupo bravo. Resultado: dos mansos, Krokrenhún e Kakanenúm flechados; e dos bravos, dois mortos pelas espingardas dos mansos (GOMES apud CARVALHO, 1959, p. 39).

A partir desses primeiros movimentos por um contato sistemático, ocorreram várias transformações e o enfraquecimento dos “Gavião”: muitos foram dizimados por doenças como malária, gripe e sarampo. Quando esses encontros se tornaram rotina, principalmente na cidade de Itupiranga (PA), os “Gavião” começaram a realizar o comércio de couros e carnes de caça.



Segundo o líder *Krôhokrenhum*<sup>16</sup>, decidiram ir ao encontro com os não índios - os *kupê* - pois não aguentavam mais os conflitos internos dos próprios “Gavião”. Sobre isso, vejamos o que escreve a antropóloga Iara Ferraz (1983), a partir de uma importante liderança dos “Gavião”:

Os primeiros encontros sistemáticos com (e pacíficos) dos Parkatêjê com os ‘particulares’, a ‘gente civilizada’ como chama Krôhokrenhum, foram determinados pela diminuição da força guerreira dos vários grupos locais, sucessivamente, em épocas diferentes (FERRAZ, 1983, p. 35).

Depois que nós vimos alguns kupê, que nós começamos a ver. Tinha poucos kupê, até parecia com axun, aquilo chama saúva na língua do kupê, parecia com ela. Agora que apareceu. [...] eu estava alegre, porque o povo estava crescendo rápido: menina, menino crescendo. Eu estava pensando que nosso povo ia aumentar de novo. Foi quando, de recente, apareceu a doença. Foi muito ruim. Morreram todos, e nós diminuimos de novo. [...] Eu pensei que precisava arranjar um jeito de tirar o povo dali, daquele lugar. (KRÔHÔKRENHUM, 2011, p.38/39).

Eram parecidos com encontros “pacíficos”, o que se deve a uma estratégia de sobrevivência aos conflitos internos entre os “Gavião” e uma necessidade de aproximação com os não-índios. Parece ter sido assim também com os ‘Canelas’, no sertão Maranhense, quando Crocker (2009, p. 25) narra que “os mascates do interior os visitam periodicamente para negociar, e famílias canelas eram aceitas nos estabelecimentos dos comerciantes e nas casas de famílias”.

A configuração de uma nova estrutura social e política na região, destacada por Hébette (2004, p. 50), ao refletir sobre o processo de colonização a partir da segunda metade do século XX, se dá num duplo sentido: “a história de ocupação da região tocantina<sup>17</sup> é, ao mesmo tempo, a história de sua desocupação, a história da fixação de certos grupos humanos mediante a expulsão de outros”. Essa é a nova paisagem social que se constitui nos anos vindouros ao contato sistemático. Esse processo se arrasta por um longo período, como pode ser comprovado nos relatos dos viajantes que, em boa parte, se transformaram em documentos oficiais do Governo do Estado, o mesmo que os financiava a fim do reconhecimento da região, principalmente naquelas redondezas onde não havia estradas e o principal meio de transporte era fluvial.

<sup>16</sup> Importante liderança política dos *Parkatêjê*, responsável por conduzir o processo de transição do seu antigo território para a TI Mãe Maria. Falecido recentemente (outubro de 2016).

<sup>17</sup> Esta é a mesma região que venho, nesta tese, chamando de Vale do Araguaia-Tocantins.



Ignácio Batista Moura, enviado pelo governo do estado numa missão no final do século XIX, trata de etnografar boa parte do trecho que percorreu entre a capital Belém do Pará e São João do Araguaia.

Toda a margem direita do rio Tocantins, desde abaixo da cachoeira da *Itabóca* até aos limites do Estado do Maranhão, abrangendo uma área nunca inferior a 800 léguas quadradas, forma o paiz encantado onde habitam os *Gaviões*, a mais poderosa nação de índios da região tocantina (MOURA, p. 215, 1980).

Moura precedeu à viagem feita por Henri Coudreau e Otilia Coudreau, se encantou pela paisagem, abordou a presença dos “Gavião” e arriscou formalizar o etnoterritório “Gavião” como um país, como mais tarde fará Nimuendaju ao conjunto dos Timbiras. Coudreau (1897) também narra uma situação em que expõe a relação dos “índios” com suas formas de contato:

Costeamos a margem direita, ou seja, a ‘vertente dos índios gaviões’, mas meus homens não parecem ter muito medo desses selvagens. Alguns deles, entre outros Domingos Vieira, parece que já negociaram aqui mesmo nesta margem com esses índios, já de algum tempo considerados pacíficos. Não obstante ouve-se contar, aqui e ali algumas histórias de ‘flechadas’ que os civilizados teriam recebidos desses mesmos índios ‘pacíficos’. (COUDREAU, p. 34, 1897)

Esses relatos contribuem para interpretações que necessariamente nos levam a pensar como essas fontes atravessam o contexto da ocupação e da formação das territorialidades presentes. São considerados os movimentos de contenção e de catequização, que culminaram na reterritorialização dessa imensa região. Esses dois movimentos<sup>18</sup>, ora de forma planejada ou

---

<sup>18</sup> Vale ressaltar o encontro dos franceses: Frei Gil e Henri Coudreau. O Frei Domingos Maia Leite assina relatório da 18 de dezembro de 1973, em que destaca esse evento: “As vastas regiões do grande rio Araguaia, ainda quase totalmente desconhecidas e habitadas por índios e animais de espécie, constituíam o grande sonho missionário de Frei Gil de Vilanova. Juntamente com outro companheiro, Frei Ângelo Dargaignaratz, [...] rumou para a sua Terra da Promissão e conseguiu chegar às margens do Araguaia, na foz do rio Najá, do lado do Estado do Pará. Aí armou sua barraca, nas proximidades das aldeias indígenas, Foi isto em 1896.

Mas a enchente do rio veio destruir suas instalações. O animo do grande missionário não se abalou por isto. E saiu á procura de outro local mais elevado. Foi quando na nascente e já crescido povoado de Barreira de Santa’Ana, encontrou-se com o engenheiro francês Henri Coudreau, que então explorava o rio Araguaia em missão do governo do Pará, foi este engenheiro que indicou um lugar bem mais ao norte, a umas 25 léguas distantes de Barreira de Santa’Ana (hoje Santana do Araguaia) e que, por uma elevação, jamais seria atingida pelas águas.

Frei Gil não hesitou, e juntamente com o companheiro saltou no lugar indicado em 14 de 1897, ai ao pé de um pequizeiro, armou o seu altar, par ao santo sacrifício da missa, que aí ofereceram nesse mesmo dia a imaculada Conceição de Lurdes, foi escolhida como padroeira da missão. Assim, sob a sobra do altar e a proteção da Imaculada Conceição, nascia a futura cidade de Conceição do Araguaia”.



por encontro/desencontro, se afinam e se articulam na medida em que seus objetivos se entrecruzam.

Por fim, o discurso da “pacificação”, embrionário nos textos dos frades e também dos viajantes, permeia o crivo da “selvageria”, da “guerra” e outros aspectos que, na visão desses, tornam necessária uma “civilização”. A narrativa esbanjada pelas descrições expostas nessas fontes está também contida nos documentos oficiais, como forma de marcar relações e demonstrar os processos contenciosos que têm como dispositivo a cristianização com as missões, o aparato militar e o efeito da presença do Estado, que se fundamenta como a autoridade indispensável para o controle do território.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A reterritorialização vista aqui, com os “Gavião”, a partir da política indigenista para os indígenas na segunda metade do século XIX, sobretudo no Alto e Médio Tocantins, é de fato um reposicionamento. Utilizando mudança da posição espacial, está empreendida no caso pelos “Gavião” como uma etnoterritorialização. Ao utilizar o conceito de contenção, expressamos o *modus operandi* dos governos provinciais e suas políticas de expansão territorial. Assim, compreendemos como um importante marco que dimensiona, por um lado, o fator de migração, no caso dos “Gavião”, com suas cisões, andanças, deslocamentos e aldeamentos. Por outro, a complexa política de criação de missões e suas respectivas ações, envolvendo religiosos e militares.

A organização desses coletivos indígenas se manteve no âmbito da construção de seu território, podendo assim chamar de etnoterritório “Gavião” aquele que é demarcado pela memória, operado por sua existência em contextos de tempos e espaço. Aqui é preciso observar o seu modo de organização, marcado por seus deslocamentos, assegurado pela presença nas margens direita do rio Tocantins, entre Santa Tereza e Alcobaça – Imperatriz e Tucuruí. Além disso, as fontes que evidenciam essa ocupação e os relatos baseados na memória *mãmkatêjê* – ancestralidade – estruturam a relação com esse território.

Em certo sentido, como pensamos o processo de contenção como uma política articulada, evidenciada pela execução das missões e presídios, somos alertados para entender o critério provinciano de assegurar a manutenção do território e sua devida expansão econômica



em face à penetração, pelos rios Tocantins e Araguaia, de outras frentes. Enfim, ao insistir sobre um elemento que pode ser fundante para a discussão sobre território como perspectiva para a construção da noção de pessoa, considera-se a projeção dos vários processos de cisão protagonizados e corporizados pelos “Gavião”, através de suas formas de se organizar, tendo como destaque o lugar.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AZEVEDO-LOPES, Ronnielle. **Temëjakrekatê: gnosecídio, resistência e transcolonialidade dos Saberes Tradicionais no Vale do Tocantins-Araguaia.** (Tese de Doutorado) Universidade Estado do Rio de Janeiro, UERJ, Rio de Janeiro, RJ, 2021
- CARVALHO, Anselmo Vilar de. Os gaviões. In: **Tribos Indígenas na Prelazia de Conceição do Araguaia. Os Gaviões.** In: Coleção Memória Dominicana, Vol. 36, pp. 30-31, 1942 (originalmente publicado na revista o Mensageiro do Santo Rosário, Set/1942)
- COLEÇÃO MEMÓRIA DOMINICANA, **Tribos Indígenas na Prelazia de Conceição do Araguaia** – Vários autores, 1959.
- CONDREAU, HENRY. [1897] **VIAGEM A ITABOCA E AO ITACAIUNAS.** Ed. Itatiaia, Belo Horizonte e Ed. Universidade de São Paulo, São Paulo, 1980.
- CROCKER, William. **Os Canela: parentesco, ritual e sexo em uma tribo da chapada maranhense.** Rio de Janeiro: Museu do Índio, 2009.
- FERRAZ, Iara. **Os Parkatêjê das matas do Tocantins: A epopeia de um líder Timbira.** Dissertação (Mestrado) Universidade de São Paulo, USP, São Paulo. 1983.
- FERRAZ, Iara. **De 'Gaviões' a 'Comunidade Parkatêjê': uma reflexão sobre processos de reorganização social.** Rio de Janeiro, 1998 (Tese de Doutorado).
- GOMES DA SILVA, Rayane. **Hàkti Jōkrín: A política e a chefia Gavião.** Dissertação (Mestrado em Antropologia) Universidade Federal do Pará, Belém, PA, 2021.
- HÉBETTE, Jean. **Cruzando a fronteira: 30 anos de estudo do campesinato na Amazônia.** Belém: Ed. da UFPA, 2004. 4 v.1
- JÕPAIPAIRE, Krohokrenhum. **MË IKWY TEK RI: Isto pertence ao Meu Povo.** 1ª ed. Marabá, PA, Gkoronha, 2011
- MIRANDA, Adenilson Barcelos. **Os “Gaviões da Mata”: Uma história da resistência Timbira ao Estado.** Dissertação (Mestrado em História). Pontifícia Universidade Católica de Goiás, 2015.



MOURA, Ignácio Baptista de. **De Belém a São João do Araguaya : Valle do Tocantins.** Rio de Janeiro: H. Garnier, 1910.

RIBEIRO JUNIOR, Ribamar. “**Nós estamos igual kàpran**”: Um Estudo da Terra Indígena Mãe Maria no Contexto dos Nealdeamentos. Tese (Doutorado) Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de Minas Gerais, UFMG, 2020.

**REVISTA CAIAPÓS-CARAJÁS**, é um órgão da Catequese da Prelazia de Conceição do Araguaia. Vol. 08, nº 30. Out/ Ano 1929.

TOMÀS, Sebastião. **Mensageiro do Santo Rosário**, Agosto de 1928.

**Artigo recebido em: maio/2022**

**Artigo aceito em: julho/2022**